



A importância do movimento na construção dos processos de simbolização do bebê

Gisele Milman Cervo

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Psicologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<http://orcid.org/0000-0003-3467-417X>

Introdução¹

Ao longo da história da psicanálise, diversos autores buscaram formular teorias para explicar como ocorrem os primórdios da constituição psíquica. Sigmund Freud destaca-se não apenas por ter sido pioneiro nessas reflexões, mas porque abre um caminho importante para pensar o entrecruzamento corpo-mente nesse processo. Na *Carta 52*, Freud (1996a/1950) descreve as impressões sensoriais e as sensações provocadas pelas percepções como sendo os primeiros signos na formação do aparelho psíquico, salientando a importância dos mecanismos primitivos de natureza corporal.

Seguindo essas ideias semeadas por Sigmund Freud, alguns autores contemporâneos, como Alberto Konicheckis e René Roussillon, ampliam a investigação acerca da constituição psíquica. Eles partem dos processos sensório-perceptuais coconstruídos entre o bebê e seus cuidadores para desenvolver as noções de movimento e de simbolização primária. Tais noções discorrem sobre as primeiras formas de experimentação do bebê consigo e com o outro e demonstram que é a partir da corporeidade que o bebê passará a ser e a simbolizar.

O psicanalista Alberto Konicheckis (2015) pensa o movimento enquanto um espaço propício para que a experiência psíquica tenha condições de acontecer e como um recurso para reunir partes do eu. Ao movimentar-se, o bebê pode ir experimentando o seu corpo e encontrando formas de estar em contato com suas sensações. Isso propicia “a criação de um ambiente corporal capaz de abrigar a experiência pulsional” (KONICHECKIS, 2015, p. 243, tradução nossa) e favorece a apropriação do que há de mais autêntico no sujeito. É por isso que o movimento é apontado pelo autor como estando na base dos processos de subjetivação e também contribui para os processos de representação, pontos que serão abordados no decorrer do artigo.

Roussillon (2014) compreende que é a partir da rerepresentação das experiências, através de formas motoras ou interativas, que o bebê passa a organizar e a significar as primeiras vivências. Estas são multissensoriais, multiemocionais, multipulsionais, ou seja, aparecem inicialmente fragmentadas e multiperceptivas, e, por isso, precisam ser externalizadas para que o sujeito possa ir lhes dando figurabilidade e se apropriando delas.

O movimento do bebê, com seus gestos e variadas linguagens tônicas, não só dá contorno ao vivido, podendo ser entendido como um modo de comunicação e de estar em contato consigo mesmo, como também instaura um tipo de comunicação intersubjetiva. Golse e Desjardins (2005) expõem que a primeira via comunicativa do ser humano são os gestos, as mímicas, os olhares, de maneira que, através do corpo, pode-se estabelecer a linguagem analógica. Esta é responsável por veicular afetos e recebe o nome de analógica porque, para que a comunicação exista, o gesto precisa ser análogo à emoção que o disparou. A curva do sorriso, por exemplo, corresponde à curva da emoção que o sujeito sente. Longe de ser perdida quando a criança acede à palavra, a comunicação analógica é uma condição da comunicação verbal e vai acompanhá-la como sombra ao longo da vida, dando-lhe suporte. Assim, os dois registros de linguagem seguem coexistindo, sem que um prescindida do outro.

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada *Sensorialidade no percurso da subjetivação e na clínica psicanalítica*, defendida em fevereiro de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil.

Assim, o presente artigo busca aprofundar os pontos sucintamente elencados nos parágrafos acima, sublinhando a necessidade de se ter um olhar cuidadoso para o movimento e para os diversos processos que permeiam a corporeidade do bebê. Movimentar-se não é apenas descarga motora e, tampouco, um ato esvaziado de sentido. Pelo contrário, entende-se o movimento como um suporte crucial para a formação do senso de ser e como um dos elementos imbricados nas primeiras formas de simbolização.

Movimento e simbolização primária: formas de figurar as primeiras experiências

Desde os seus primeiros escritos, como na *Carta 52* e no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1996a,1996b/1950), respectivamente, propunha que as primeiras experiências se expressavam pelas vias motoras e que o destino da angústia ocorria pela descarga no corpo. O autor sempre deu relevo para as sensações corporais como base da experiência do Eu. Essa imbricação entre o corporal e o mental pode ser identificada na base da teoria pulsional freudiana quando no texto *Pulsões e seus destinos* é proposto que a pulsão

nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1996c/1915, p. 127).

No texto *O ego e o id*, Freud (1996d/1923, p. 39) também se ocupa da inter-relação psique e soma, trazendo a sua conhecida formulação de que o “ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”. É do corpo que o psiquismo advém, podendo ser encarado como uma projeção mental dessa superfície corporal. O ego, para, é uma instância perpassada por soma e psiquismo.

Tanto no conceito de pulsão (1996c/1915) quanto no de ego (1996d/1923), vemos uma preocupação de Freud em enlaçar o somático e o psíquico. A ideia de que o corpo dispara exigências psíquicas e que ele próprio, ao ser libidinizado, é atravessado pelo psiquismo levou diversos autores a teorizarem sobre os processos que estão, assim como Freud assinalou, em um espaço de fronteira.

Konicheckis (2015) entende que o movimento é um processo complexo, constituído por múltiplos componentes, e que se situa em uma zona híbrida, entre psique e soma. O autor procura diferenciar o movimento da motricidade, já que esta é muito associada à fisiologia e o movimento extrapola o sentido de um corpo biológico, estando mais ligado a um corpo simbolizante. O movimento cria e faz desaparecer uma forma. Nesse sentido, ele carrega certo paradoxo consigo, pois ao mesmo tempo que o corpo lhe é indispensável para presentificar as experiências vividas, também esse mesmo corpo se apaga e desaparece atrás da forma criada. Assim, o movimento é indissociável do corpo, mas o transcende, estando nesse espaço de fronteira apontado acima.

Ao veicular psique e soma, o movimento favorece a subjetivação do bebê. O autor dialoga com a noção winnicottiana de personalização para situar a relevância do movimento, compreendendo que, ao sentir seu corpo e ao movimentar-se, o bebê começa a adquirir um estado unitário e com contornos. Dessa forma, o movimento contribui para inaugurar um espaço psíquico para poder sentir e sustenta o sentimento de ser, transformando experiências inicialmente desorganizadas e não integradas. As vias motora e sensorial permitem que o infante vá ligando suas vivências e tornando pessoal o que inicialmente sentia como estrangeiro a si, desenvolvendo uma experiência psicossomática, com a psique habitando o soma. Essa ideia converge para o conceito de psicossoma (WINNICOTT, 2000/1949), em que psiquismo e soma coexistem em um entrecruzamento, com o ego sendo pensado como amálgama do corpo e da mente.

O movimento permite que o bebê se sinta reunido e unificado, viabilizando os primeiros sentimentos de si (KONICHECKIS, 2015). Em seus estudos, a psicanalista Simone Korff-Sausse (2015) traz a hipótese de que o movimento seria um dos elementos fundantes do aparelho psíquico, pois seria a partir do sentir e do mover seu corpo no espaço que, aos poucos, o bebê passaria a construir um espaço do corpo, o qual abrigaria tanto o que diz respeito às suas propriedades quanto o que confere à elaboração de categorias como o tempo, o espaço e o meio ambiente ao redor.

Contudo, o movimento não trabalha apenas no sentido de agregar as experiências do sujeito, ele também está associado a perdas de excitação e pode ser portador de ambivalências. Em relação à questão econômica da quantidade de excitação, Konicheckis (2015) dialoga com o texto de Freud (1996b/1950), *Projeto para uma psicologia científica*, o qual define a atividade psíquica em relação ao movimento e ao repouso. O movimento deveria eliminar a quantidade de excitação dos neurônios para que estes pudessem voltar ao seu estado de inércia.

Para Freud, portanto, o movimento é determinado pelo princípio da catarse, cuja função princeps é ab-reagir uma quantidade de excitação. Realizando-se na realidade externa, pela diminuição quantitativa das excitações, o movimento modifica a realidade qualitativa interna. (...) Mesmo desejado e prazeroso, o movimento é, portanto, portador da perda de excitação provocada pela descarga (KONICHECKIS, 2015, p. 244, tradução nossa).

Essa descarga, cujo intuito é eliminar o desprazer, comporta uma perda, um vazio. Uma tentativa de reestabelecer o que foi perdido no extravasamento dos movimentos que ocorre pelas repetições rítmicas. O ritmo, segundo Guerra (2018), tem papel crucial em marcar o compasso dos momentos de encontro-separação, presença-ausência, continuidade-descontinuidade, além de ajudar a regular o aumento e diminuição de excitação. Ele é uma maneira de estruturar as experiências, pois permite organizar os fluxos sensoriais e pode tanto resgatar vivências perdidas quanto inaugurar novos vínculos. Como as oscilações pendulares do ritmo reúnem elementos heterogêneos, o ritmo ainda pode ser pensado como uma forma de dar contorno e integrar as forças contrárias dos movimentos.

Tais forças contrárias fazem com que o movimento também seja portador de ambivalências, pois ele contempla uma variação de posturas e constrói diferentes imagens com o corpo, havendo uma alternância tônica entre fluidez e imobilidade, pontos de apoio e de desequilíbrio, em que grupos musculares estão ativos enquanto outros estão relaxados. Todos esses jogos de tendências contrárias e complementares possibilitam que o bebê experimente as primeiras formas de conflito.

Os movimentos mostram-se importantes não apenas por reunirem as experiências do sujeito, mas por todos esses jogos sensório-tônicos que expressam perdas, oscilação de excitação e formas de conflito; e com isso abrem terreno para que o bebê vá alargando sua vida psíquica.

Alguns autores reforçam o valor do movimento e dos gestos como uma forma de linguagem e de sustentação para a representação. Roussillon (2009) alega que, além das relações entre os significantes verbais, há ainda a linguagem do afeto e das representações de coisa, ou “representações”. Outros autores como Anzieu (1988) e Rosolato (2014) acompanham o psicanalista e assentem que, antes que surjam os significantes verbais, haveria formas arcaicas de significar em jogo. Eles propuseram, respectivamente, os conceitos de *significantes formais* e de *significantes de demarcação* para se referir à linguagem analógica e a modalidades muito primárias de o bebê dar forma às suas experiências e articulá-las entre si.

De acordo com Roussillon (2014), para começar a ter uma apropriação subjetiva (reconhecer-se a si e integrar o que sente corporalmente e o que sente com os outros), o bebê precisa organizar a complexidade das diversas experiências que vive. Uma primeira maneira de fazê-lo é externalizando ou tornando a experiência presente ao eu. Já que nada pode ser simbolizado em seu estado bruto, para dar forma às múltiplas sensações que invadem o bebê no início da vida, é preciso uma representação, isto é, reapresentar ou tornar a experiência presente novamente, para torná-la perceptível e só então começar a compreendê-la.

É esse primeiro processo de passagem da experiência de *traço primário* para *forma* que Roussillon (2013a, 2013b) chama de simbolização primária. A simbolização primária deve ser compreendida enquanto um caminho a percorrer da marca sensorial e motriz para um “colocar em cena” suscetível de converter-se em linguagem (no sentido analógico), compartilhado e narrado a outro sujeito. Tal processo consiste em transferir as experiências psíquicas em dispositivos simbolizantes, isto é, em formas motoras ou interativas perceptíveis.

A simbolização primária deriva da sensório-motricidade, e é através do movimento que o bebê transforma o estado dos primeiros conteúdos psíquicos (ROUSSILLON, 2019). Esse processo pode acontecer através de suas vivências com os objetos, com outros sujeitos (jogo intersubjetivo), com seu próprio corpo (jogo autossubjetivo) ou através dos sonhos (jogo intrassubjetivo), permitindo, assim, que ele comece a figurar experiências já vividas.

Sobre os jogos com outros sujeitos, a psicanalista Genviève Haag (1997) ressalta que as trocas corporais e as sensações compartilhadas com o cuidador são fundamentais para o bebê começar a sentir que algo se passa entre ele e o objeto, que o que ele vive tem eco e circula na relação. A esse “vai e vem” relacional, a autora dará o nome de “correntes de retorno”. Tal noção traz embutida a ideia de ritmicidade da dupla e de que algo se desloca de um sujeito para o outro. É possível identificar ritmo e movimento no conceito de Haag.

Se, inicialmente, essas correntes de retorno se expressam mais contundentemente através da interpenetração de olhares e das vocalizações, gradualmente o bebê será capaz de coordenar o seu corpo e movimentos para mostrar que ingressou na comunicação intersubjetiva. Golse e Desjardin (2005) fazem referência à noção “teatro das mãos”, desenvolvida por Haag, e salientam a importância dos movimentos circulares das mãos do bebê na comunicação com o outro, que se propulsionam para o alto e para a frente, para depois voltarem para si, indo para baixo e para trás. Esses movimentos aparecem já nos bebês de poucos meses e são entendidos como tendo um valor de relato.

Tudo se passa, diz G. Haag, como se esses bebês quisessem nos “demonstrar” que eles sentiram que é possível enviar a um outro, diferente de si, alguma coisa de si mesmo (uma mensagem, ou também uma “e-moção”) e que esse material psíquico ou protopsíquico vai em seguida encontrar no outro um fundo a partir do qual ele poderá voltar para o emissário (GOLSE; DESJARDINS, 2005, p. 20).

Dessa maneira, os movimentos de mãos podem tanto expressar algo que vem do bebê quanto algo que este observou na mãe e que foi possível trocar com ela. Através de tais movimentos, o bebê fala de si e fala de um “nós”. Golse e Amy (2020) comparam o meneio de mãos dos bebês às danças das mãos do maestro, que as utiliza para reunir e harmonizar as várias vozes musicais dos instrumentos. Em alguns momentos, o maestro deixa-as em suspenso para identificar se há algum atraso na partitura e vai comunicar à orquestra através da retomada do movimento de mãos como é possível afinar-se melhor juntos.

Assim como há um diálogo entre as mãos dos instrumentistas, que tocam, e as do maestro, que rege, também há um diálogo de movimentos mútuos entre o bebê e seu cuidador. Os autores compreendem que a coreografia das mãos dos bebês enuncia algo que foi compartilhado na dupla, pois seria possível observar que, após um momento prazeroso com a mãe, o bebê faz gestos que nos mostram que ele compreendeu que algo circulou dele para o outro e lhe foi devolvido de forma transformada. O infante tenta, assim, prolongar em si a sensação boa vivenciada no encontro com o outro.

O psicanalista uruguaio Victor Guerra (2014) também se ateu ao que chamou de “dança das mãos” e a incluiu como um marco na sua grade de avaliação de indicadores intersubjetivos. O autor aponta que, entre o terceiro e o quinto mês, o bebê melhora sua apreensão e passa a utilizar mais suas mãos, o que faz com que os cuidadores também usem mais as suas como forma de contato. “A mãe cria múltiplas frases motrizes com o movimento de suas mãos, pois estas podem conter, acariciar, limitar, mover-se de modo inesperado, surpreender, dar segurança, aparecer, desaparecer, unir-se e separar-se (...)” (Guerra, 2014, p. 27, tradução nossa). A função polivalente dos movimentos das mãos age como uma antecipação corporal para a maleabilidade psíquica. Essa plasticidade manual desdobra-se futuramente em plasticidade psíquica, com as inúmeras transformações da linguagem e do pensamento.

Retomando as ideias de Roussillon (2013a, 2013b, 2019) acerca da simbolização primária, o autor escreveu sobre esta aparecer nos jogos intersubjetivos, que foram abordados nos parágrafos anteriores, e também discorreu sobre as vivências dos bebês com os objetos. A este respeito é comum observarmos, conforme aponta a psicanalista Ivanise Fontes (2017), que os bebês testam diferentes possibilidades de encaixe dos objetos: colocam a bola no cesto ou uma caixa dentro da outra, botam pinos em buracos, ou eles próprios entram em caixas, colocam partes do corpo em recipientes.

De acordo com a autora, essas experiências de encaixe remetem às suas próprias vivências de ser contido e de conter, sendo a simbolização primária uma primeira analogia de continência. O bebê começa a compreender que seu corpo é contido pelo corpo do cuidador, que o sustenta, não o deixa cair, acolhe suas angústias. Além disso, percebe que ele próprio é um recipiente com interior, que tem um sistema de tubos digestivos e estômago, os quais não deixam vazar o que ele ingere; que possui uma pele, ou um envelope tátil, estabelecendo uma fronteira com o exterior e impede que ele se dissolva; ou que apresenta uma coluna vertebral que une as duas metades do corpo e que é um eixo de suporte (FONTES, 2017).

Quando o bebê consegue ligar suas experiências sensoriais a alguma forma, ele está podendo representar em um nível de representação de coisa, pois há uma “representação”, isto é, uma possibilidade de narrar com a ação, usando objetos ou gestos e movimentos do corpo. Quando o bebê alcança essa possibilidade representativa, diz-se que ele avançou para o segundo tempo do processo de representação (ROUSSILLON, 2014). Nesse nível primário de simbolização, entretanto, ainda predominam as sensações: o eu é um “eu corporal”, e o sujeito ainda não consegue descrever verbalmente o que vive. Haag (2000) expressa bem essa ideia ao afirmar que:

Nós não temos eu (moi) corporal se este não estiver em todas as articulações, na pele, nos grandes eixos do corpo, símbolo de todos os laços primordiais sobre cuja origem pulsional-afetiva-identificatória temos insistido, e temos visto que o espaço arquitetural que decorre daí, com suas formas geométricas, é da mesma natureza e serve como primeiro nível de representação (HAAG, 2000, p. 88).

No nível da simbolização primária, o movimento corporal será um meio privilegiado pelo qual o indivíduo poderá ampliar sua experiência psíquica. É por este motivo que Konicheckis (2015) propõe que as simbolizações primárias podem ser consideradas uma verdadeira criação, que não reproduzem uma linguagem que já foi codificada. No caso da simbolização primária, trata-se de tentativas de apresentar uma vivência psíquica. O movimento carrega a potência de transformação das experiências sensoriais do bebê e modela as sensações, preparando a base para que as simbolizações secundárias possam advir posteriormente.

Konicheckis (2015) propõe uma analogia entre a tela de um quadro e o movimento: enquanto a tela serve de suporte para as representações picturais do pintor, o movimento tem a função de apoio para as primeiras figurações psíquicas, que possibilitarão, em um momento posterior, o surgimento das representações. As figurações psíquicas seriam as primeiras imagens ou figuras das fantasias que apareceriam como uma tentativa de dar forma às sensações difusas que atravessam o bebê. Elas ainda não se apresentam como pensamentos abstratos. Já as representações estão ligadas às simbolizações secundárias e ao surgimento da linguagem verbal.

A simbolização secundária refere-se ao processo que veicula representação de coisa e de palavra, além de estar associada ao pensamento abstrato e à linguagem digital.

Roussillon (2013b) entende que se tornar sujeito passa por integrar na subjetividade o encontro com os objetos e com a vida pulsional. Para que o indivíduo se aproprie daquilo com o que foi confrontado, espera-se que ele entre em três modos de reflexividade. Primeiramente, precisa ser capaz de sentir e se sentir, o que implica aceitar ser afetado pelo afeto da pulsão. Em seguida, conquista a possibilidade de ver e se ver, integrando a representação de coisa, como no sonho ou nas externalizações das experiências. Por fim, passa a ouvir e a se ouvir, o que pressupõe aceder à representação de palavra.

Após ser possível dar forma aos traços perceptivos, a experiência avança por novas transcrições até conseguir ligar o que é apresentado via corpo às palavras, construindo sentidos próprios para si e para o mundo. O sentido construído não é absoluto, encontrando-se sempre em um contexto. Assim, o que importa é o valor narrativo do processo de simbolização, dado que a narração acontece e se modifica dependendo da presença do objeto, do que é coconstruído na relação (ROUSSILLON, 2019).

De acordo com Roussillon (2013b), quem consegue estar em relação consigo mesmo a partir desse modo triplo, articula esses três sistemas de reflexividade e pode sentir, ver e ouvir o outro. Quando o sujeito alcança uma reflexividade mais ampla sobre si, depreende-se que há uma maior apropriação subjetiva e que ele está apto a transformar suas experiências através de processos de simbolização primária e secundária.

Fragmento de observação de bebê

Para ilustrar alguns dos conceitos explanados acima, será compartilhado um fragmento de uma observação de bebê. A observação ocorreu a partir do método Esther Bick². O nome da bebê foi trocado nesta publicação, a fim de garantir o sigilo da família observada. No trecho a seguir, Bianca estava com 6 meses:

Assim que é colocada no tapetinho, deitada com as costas apoiadas no chão, Bianca ri e parece extasiada com a nova sensação. Ela olha para os dois lados e depois para cima, e encontra a mãe e a mim, que a observamos. Ela logo parece se esquecer da nossa presença e começa a se virar de um lado para o outro, num movimento de semigiro, sem sair do lugar. A bebê foca sua atenção em uma bola vermelha e estica seu braço na direção desta. Ela consegue alcançá-la, mas acaba lhe dando um tapinha e a bola rola para longe. Bianca segue a bolinha com o olhar, mas como ainda não engatinha, não consegue ir até a bola para resgatá-la. A mãe entrega-lhe em mãos outra bola, que a bebê agarra com vontade, leva em direção à boca, mas no momento em que tenta abocanhá-la, ela resvala de suas mãos e também rola. Bianca começa a olhar ao redor e encontra um brinquedo fofinho, que não rolava. Ela agarra-o e leva-o à boca, babando-se bastante, até que o solta. Coloca suas mãos na boca e parece se recompor da aventura. Após um tempo, mais tranquila, recomeça os movimentos de semigiro e volta a olhar tudo ao redor, dando gritinhos de excitação.

Novamente, tenta pegar os brinquedos que estavam próximos. Encontra uma almofada perto da cabeça e a agarra com tanta força, que é possível sentir a intensidade do momento. Bianca levanta a almofada com as duas mãos, na altura dos olhos. Depois a deixa cair sobre o rosto, cobrindo-o. Ela permanece um tempo sob a almofada e consigo ouvir sua respiração ofegante. Ela repete cerca de duas vezes esse gesto de tapar-se e destapar-se. Após, busca novamente com o olhar uma das bolinhas perdidas, que tinha rolado para cima da sua cabeça, à esquerda. Ela fica um tempo esticando o braço, até que coloca uma perna mais à frente, para se equilibrar, se impulsiona e vira todo o corpo de lado. Seu corpo fica sobre o braço esquerdo e ela parece hesitar por um momento. Depois de ficar um tempo assim, volta a se esforçar para se virar de barriga para baixo. Faz algumas tentativas de tirar o braço esquerdo de baixo do corpo, até que consegue e o estica, encostando na bolinha. Isso faz com que seus braços e pernas se agitem, mostrando a satisfação dessa conquista.

² Esta metodologia foi desenvolvida pela psicanalista Esther Bick, em 1948, em Londres. O procedimento metodológico acontece em três tempos: observação, relato e supervisão. Em um primeiro momento, o psicólogo realiza visitas semanais na casa da família, procurando ir sempre no mesmo dia da semana e horário, desde o nascimento do bebê até este completar um ano de idade. Observa-se, sem interferência, o bebê no seu ambiente familiar durante uma hora. Após, escreve-se um relato do que foi observado e posteriormente o material é discutido em um grupo de supervisão. O processo permite ao psicólogo aprender sobre o desenvolvimento infantil, refletir sobre as interações do bebê com seus cuidadores, bem como adquirir habilidades de observação (estar aberto ao que a família apresenta, despidendo-se de saberes prévios e tolerando o não saber) (OLIVEIRA-MENEGOTTO et al., 2006).

Nessa cena, Bianca começa sentindo seu corpo no chão, identifica a mãe por perto, e logo sua atenção se desprende dela, passando a explorar o corpo e o ambiente por sua conta. Primeiramente, ela sente seu corpo através de movimentos de semicírculos, com a propriocepção ganhando destaque. O apoio das costas em uma superfície mostra a importância das “experiências duras” (CICCONE, 2018) para a sensação de sustentação, e é só após sentir-se em segurança que Bianca começa a explorar o ambiente. Ela apreende o que está ao seu redor com o olhar, o primeiro órgão de sentido a “deslocar-se” pelo espaço.

A criança tenta pegar uma bolinha, porém esta rola para longe. Nesse momento, a mãe reaparece na cena e tenta lhe confortar apresentando outra bola. A mãe parece introduzir aqui uma espécie de ilusão, pois tenta recompor a continuidade da experiência entregando um objeto semelhante para a bebê seguir com sua exploração. Porém, a segunda bolinha também rola, o que faz com que Bianca tenha, novamente, sua experiência interrompida. Nesse jogo, podemos pensar que acontecem pequenas vivências de perda e de separação, e que, por serem apresentadas em doses diminutas na presença da mãe, podem ajudar Bianca a se preparar para momentos posteriores de separação da figura materna.

A bebê ocupa-se, então, de um brinquedo que não rola e pode ser manipulado, experimentado não apenas com o olhar, mas também com o tato e a gustação. A exploração do objeto ativa vários órgãos, sua sensorialidade é explorada por diferentes canais. Posteriormente, repete com a sua mão o que havia feito com o urso, de modo que, aquilo que viveu inicialmente com o objeto, é agora experimentado em um contato direto com o corpo, em uma atividade que também é autoerótica. Bianca parece reabastecida e novamente disposta a seguir suas explorações. Quando encontra a almofada, faz uma espécie de jogo de esconde-esconde, como se brincasse com as possibilidades de ver e deixar de ver, de presença e ausência, de perder e reencontrar – nesse jogo, através da coordenação que já tem nos braços e mãos, é ela quem controla quando vê e deixa de ver, vivenciando ativamente o que muitas vezes experimenta passivamente: objetos e pessoas que se afastam, “rolam” para longe.

Esse exercício também tem uma função psíquica, pois Bianca parece se lembrar de que o que sai do campo da visão pode ser reencontrado, e volta a procurar com o olhar uma das bolas perdidas e a avista. Nesse momento, além da experiência do reencontro, Bianca parece se identificar com traços da experiência com as bolas, que giravam e se moviam, e faz algo que, até então, não tinha sido observado. Ela não apenas vira-se em meio-giro, mas consegue mover sua perna de modo a se impulsionar e virar-se por completo, experimentando uma posição nova, ou relativamente nova.

Nesse movimento, Bianca consegue projetar seu corpo um pouco para frente (o suficiente para alcançar a bola), deslocando-se como as bolas fazem. Ela também girou, que é o mesmo gesto que tinha observado a bola fazendo quando rolava para a frente. Assim, conseguiu usar os órgãos dos sentidos para sentir seu corpo, entrar em contato com os objetos, e, a partir dessa experiência, ampliar sua sensorialidade, testando novos movimentos, além de alargar suas possibilidades simbolizantes.

Neste fragmento é possível acompanhar o trabalho psíquico realizado por Bianca nas suas experimentações: ela treinou possibilidades de presença e de ausência, identificou-se com traços das bolas para ampliar suas posturas e para se deslocar, explorou diferentes órgãos dos sentidos (como a gustação, a visão, o tato), usou os objetos e partes do seu corpo para regular suas excitações. Todas essas externalizações da experiência correspondem ao que Roussillon escreve sobre as primeiras formas de reflexividade, que é sentir o mundo e se sentir, bem como ver e se ver.

Bianca está em pleno processo de simbolização primária, transformando os traços primários em formas, ampliando maneiras de estar em relação consigo e com o mundo. É esse processo que permitirá o advento da simbolização secundária futuramente, com a possibilidade de o sujeito também ouvir o outro e se ouvir.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procurou-se mostrar a vasta gama de processos ligados aos movimentos dos bebês. O desconhecimento dos adultos em relação à vida psíquica na primeira infância faz com que aquisições importantes dos infantes frequentemente passem despercebidas ou sejam menosprezadas. Infelizmente, ainda nos dias atuais, muitas pessoas ignoram as inúmeras capacidades dos bebês e o quanto ações sutis ou pequenas experimentações interferem na formação da sua subjetividade e comportam a potência de grandes aprendizagens.

Com base no exposto, e levando em consideração as ideias de Konicheckis (2015) e Roussillon (2013a, 2013b, 2019), é possível defender que há todo um trabalho de simbolização a partir daquilo que o bebê apresenta através do seu corpo. Os movimentos tornam presente a experiência e possibilitam a figuração daquilo que foi inicialmente sentido, mas ainda não tinha ganhado forma. A sensorio-motricidade ajuda a organizar o que foi vivido, facilita os momentos de separação e de reencontro, além de favorecer as primeiras autorrepresentações.

Nesse sentido, enfatiza-se que a própria noção de simbolização seja estendida para além do domínio do racional, do verbal, das palavras. E que se reconheça que há simbolização na linguagem sensorio-motora e na linguagem do afeto. Entende-se a necessidade de que mais pesquisas na área da simbolização primária sejam realizadas para um maior aprofundamento do tema e para que seja possível oferecer um cuidado mais qualificado à primeira infância.

Destacou-se que o soma e a psique estão atrelados um ao outro, não podendo ser separados, de maneira que todo esse exercício postural e gestual, assim como a variabilidade de movimentos possam preparar o terreno para a plasticidade psíquica e para o enriquecimento do sentimento de si e da percepção dos outros.

Vale salientar que o presente artigo concentrou-se em destacar as dimensões estruturantes do movimento, as suas potencialidades e o seu papel facilitador para a integração psíquica. Contudo, não foram exploradas as manifestações sintomáticas dos movimentos infantis. Nesses casos, ao invés de o movimento funcionar como um elemento organizador, ele pode se apresentar como um obstáculo ao trabalho elaborativo. Pela relevância do tema, entende-se que estudos futuros poderiam se debruçar nos aspectos psicopatológicos que os movimentos podem comportar, como em situações de estereotípias, agitação extrema, atuações.

Espera-se que esta pesquisa possa despertar o olhar do leitor para a diversidade de elementos contidos nos movimentos dos bebês e o instigue a entrar nesse universo com a mesma curiosidade e disposição que encontramos nas crianças quando estão começando a vivenciar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZIEU, D. **O eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- CICCONE, A. A ritmicidade nas experiências do bebê, sua segurança interna e sua abertura para o mundo. In: ARAGÃO, R.; ZORNIG, S. **Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 15-28.
- FONTES, I. **A descoberta de si mesmo: na visão da psicanálise do sensível**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.
- FREUD, S. Carta 52. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. p. 281-287 (Original de 1950).
- _____. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras psicológicas completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. p. 347-396 (Original de 1950).
- _____. Pulsões e seus destinos. In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras psicológicas completas**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 117-146 (Original de 1915).
- _____. O ego e o id. In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras psicológicas completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 13-80 (Original de 1923).
- GOLSE, B.; AMY, G. **Bebês, maestros, uma dança das mãos**. Tradução Mariana Negri. São Paulo: Instituto Langage, 2020.
- GOLSE, B.; DESJARDINS, V. Corpo, formas, movimento e ritmo como precursores da emergência da intersubjetividade e da palavra no bebê (uma reflexão sobre os inícios da linguagem verbal). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 14-29, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v8n1/1415-4714-rlpf-8-1-0014.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- GUERRA, V. Indicadores de Intersubjetividade (0-12 meses): del encuentro de miradas al placer de jugar juntos (parte 1). **Revista Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, v. 16, n. 1, p. 209-235, 2014. Disponível em: <<http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Indicadores-de-Intersubjetividade-0-12-Meses-del-encuentro-de-miradas-al.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- _____. **Rythme et intersubjectivité chez le bébé**. Toulouse: Éditions Érès, 2018.
- HAAG, G. Como o espírito vem ao corpo: ensinamentos da observação referentes aos primeiros desenvolvimentos e suas implicações na prevenção. In: LACROIX, M. B.; MONMAYRANT, M. **A observação de bebês: os laços de encantamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 235-240.
- _____. Réflexions sur une forme de symbolisation primaire dans la constitution du Moi corporel et les représentations spatiales, géométriques et architecturales corollaires. In: CHOUVIER, B. **Matière à symbolisation: art, création et psychanalyse**. Paris: Delachaux et Niestl, 2000. p. 75-88.
- KONICHECKIS, A. Subjectivation et personnalisation par le mouvement. Symbolisations et identifications premières. In: KONICHECKIS, A.; KORFF-SAUSS, S. (Orgs.). **Le mouvement entre psychopathologie et créativité**. Paris: In Press, 2015. p. 239-258.
- KORFF-SAUSS, S. Le mouvement, aux fondements de la construction psychique et de la créativité artistique. In: KONICHECKIS, A.; KORFF-SAUSS, S. (Orgs.). **Le mouvement entre psychopathologie et créativité**. Paris: In Press, 2015. p. 17-35.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. et al. O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 2, p. 77-96, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/mfYHMgJ4LdL3rMpgbcZBxbG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROUSSILLON, R. A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 16, n. 1, p. 143-165, 2009. Disponível em: <<https://reneroussillon.com/en-espanol-portugais-allemand/a-associatividade-e-as-linguagens-na-CC%83o-verbais/>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

_____. Las simbolizaciones primarias y secundarias. *Revista de la Asociación Psicoanalítica de Madrid*, v. 69, p. 219-241, 2013a. Disponível em: <<https://www.apuruguay.org/sites/default/files/roussillon-simbolizaciones-primarias-y-secundarias-trad-elena-errandonea.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

_____. Teoria da simbolização: a simbolização primária. In: FIGUEIREDO, L. C.; SAVIETTO, B.; SOUZA, O. (Orgs.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2013b. p. 107-122.

_____. *Processus de symbolisation et niveaux d'appropriation subjective*, 2014. Disponível em: <<https://reneroussillon.files.wordpress.com/2014/07/symbol-et-subjec-2-04.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

_____. O trabalho de simbolização. In: ROUSSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 175-196.

ROSOLATO, G. Comment s'isolent les signifiants de démarcation. *Annuel de l'APF*, v.1, p. 153-170, 2014. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-annuel-de-l-apf-2014-1-page-153.htm>>. Acesso em : 12 jan. 2022.

WINNICOTT, D. W. A mente e sua relação com o psicossoma. In: WINNICOTT, D. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (Original de 1949).

RESUMO

O presente artigo disserta sobre a importância da corporeidade do bebê na construção da simbolização e na ampliação da sua vida psíquica. Ele está embasado no referencial psicanalítico, em especial nas noções de movimento (KONICHECKIS, 2015) e de simbolização primária (ROUSSILLON, 2013, 2019). Para ilustrar tal perspectiva teórica, explanou-se um fragmento de observação de bebê, realizado a partir do método Esther Bick. Essa observação colocou em cena a relevância das sensações e do movimento para que o bebê se sinta em contato consigo e com o mundo e organize suas experiências psíquicas. Com base nas reflexões propostas, entende-se que um olhar atento a esses processos primários permite ampliar a compreensão sobre a construção de um senso de si, bem como lança luz para a riqueza do que está em formação na primeira infância.

Palavras-chave:

movimento, simbolização primária, sensorialidade, bebê.

La importancia del movimiento en la construcción de los procesos de simbolización del bebé

RESUMEN

El presente artículo diserta sobre la importancia de la corporeidad del bebé en la construcción de la simbolización y en la ampliación de su vida psíquica. El trabajo está basado en el referencial psicoanalítico, en especial en las nociones de movimiento (Konicheckis, 2015) y simbolización primaria (Roussillon, 2013a, 2013b, 2019). Para ilustrar tal perspectiva teórica, será presentado un fragmento de observación de bebé, a partir del método Esther Bick. Tal observación pone en escena la relevancia de las sensaciones y del movimiento para que el bebé se sienta en contacto consigo mismo y con el mundo y organice sus experiencias psíquicas. Se entiende que una mirada atenta a estos procesos primarios permite ampliar la comprensión sobre la construcción de un sentido de sí mismo, así como destaca la riqueza de la primera infancia.

Palabras claves:

movimiento, simbolización primaria, sensorialidad, bebé.

The importance of movement in the construction of baby's symbolizing processes

ABSTRACT

This article discusses the importance of baby's corporeity in the symbolization construction and in the expansion of his psychic life. The work is based on the psychoanalytic reference, in particular the notions of movement (Konicheckis, 2015) and primary symbolization (Roussillon, 2013, 2019). To illustrate such a theoretical perspective, a fragment of baby observation will be explained, carried out from the Esther Bick method. Such an observation points out the sensations and movement relevance in order the baby establishes contact with himself and with the world, organizing his psychic experiences. An attentive look at these primary processes allows broadening the understanding about the self-construction, as well as enlightening the richness of what is in early childhood training.

Keywords:

movement, primary simbolization, sensoriality, baby.

DATA DE RECEBIMENTO: 28/02/2022

DATA DE APROVAÇÃO: 29/07/2022



Gisele Milman Cervo

Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil. Especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência pelo Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA), graduada em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.

E-mail: giselecervo@gmail.com